

Havia já um certo tempo que a estrada se encontrava deserta, branca e ainda abrasada, embora o Sol já pintasse de vermelho o céu ocidental. Ele caminhava devagar na poeira, parando de tempos a tempos para se baloiçar, apoiado num pé, qual ave atarracada e deselegante, enquanto examinava o chumaço de fita adesiva a assomar-lhe da sola do sapato. Tornou a voltar-se. Lá longe, ao fundo da faixa chamejante de betão, uma pequena massa informe emergira e avançava agora afanosamente ao encontro dele. Assomou gradualmente, ondulante e grotesca como um objeto visto através de uma vidraça defeituosa, adquiriu fugazmente a forma e a solidez de uma carrinha de caixa aberta, passou numa revoada e tornou a dissolver-se na mesma forma líquida que tivera ao aproximar-se.

Ele agitou o polegar espetado na esteira da carrinha, num gesto vago. Pequenos leques de poeira precipitaram-se da berma e vieram pousar-lhe nas bainhas das calças.

Vai-te lá embora, diabos te levem, atirou à miragem fugaz. Tirou os cigarros do bolso e contou-os, tornou a guardá-los. Voltou o rosto para o sol. Quando cair a noite, nada feito, disse. Um silêncio sem vento, nem sequer um roçar dos jornais poeirentos e dos papéis de rebuçados comprimidos furtivamente contra a muralha castanha de ervas daninhas na berma da estrada.

Mais adiante avistou as luzes de uma bomba de gasolina, alguns edifícios. Talvez um entroncamento onde o tráfego abrandava. Espetou o polegar na direção de um semirreboque no momento em que este passou com um gemido, sugando atrás de si um turbilhão de

poeira e papéis, ficou a vê-lo sacudir as árvores mais adiante, na estrada.

Nem a Jesus Cristo eras capaz de dar boleia, não é assim? atirou, ajeitando o cabelo com os dedos.

Quando chegou à bomba de gasolina bebeu imensa água e fumou um dos seus cigarros. Havia uma mercearia contígua, e ele entrou e pôs-se a deambular com um ruído viscoso, para trás e para diante, pelos corredores de caixotes e latas, a encher os bolsos com ninharias — barras de chocolate, um lápis, um rolo de fita adesiva... Ao assomar de trás de uma pilha de embalagens de papel higiénico deparou com o merceeiro a fitá-lo.

Diga-me cá, perguntou, por acaso não tem, hum... — os seus olhos procederam a um rápido inventário final — não tem bombas de encher pneus, ou tem?

Não ‘tão é na prateleira dos bolos, respondeu o homem.

Ele baixou os olhos para um amontoado caótico de pãezinhos e bolos, silenciosamente letais nos seus invólucros de celofane mosqueado.

Aqui — o merceeiro estava a apontar. Num caixote de madeira, junto ao extremo mais afastado do balcão, havia macacos, bombas, chaves de lunetas, um cava-buracos ali perdido.

Ah, prontos, disse ele. Já ‘tou a ver. Aproximou-se em passo arrastado e ficou alguns minutos a remexer nas ferramentas.

Não são do género que eu andava à cata, disse ao merceeiro, encaminhando-se então para a porta.

E que género era esse? perguntou o homem. Julgava que só havia um género.

Não, não, disse ele, com ar pensativo, parado mesmo no limiar da porta, a passar os dedos pelo lábio inferior. Estava a inventar uma nova bomba para encher pneus. Bem, explicou, agora há umas bombas novas que não é preciso dar à bomba pra cima e pra baixo, assim (a dar à bomba), têm uma espécie de *alavanca* que uma pessoa faz assim desta maneira (a dar à bomba com uma só mão).

Não me diga, comentou o merceeiro.

Olhe que sim, disse ele. Facilita imenso o trabalho duma pessoa, fique sabendo.

Que género de carro tem o senhor? quis saber o merceeiro.

Eu? Ora essa, comprei um *Ford* novo. Novinho em folha, de trinta e quatro, motor V-oito. Um tipo até se assusta, só de se sentar ao volante...

Mas os pneus dão imensos problemas, hem?

Bem... não, foi só agora, foi esta a primeira vez que tive problemas de pneus... Bem, acho melhor eu... diga-me cá, fica muito longe, Atlana?

Vinte e sete quilómetros.

Bem, é melhor eu ir andando. Até à vista.

Volte sempre, atirou o merceeiro. Só espero que consiga encher o tal pneu. Havia de ser bem mais fácil com uma bomba.

Mas a porta de rede bateu suavemente, e ele estava já cá fora. Parado no alpendre da loja, calculou que horas seriam. O Sol já estava baixo no céu. Um grilo fez-se ouvir e um esquadrão de pitas-cegas irrompeu do ocidente abrasado, de asas pontiagudas, lá no alto, a assolar o lusco-fusco.

Via-se um carro parado junto à bomba de gasolina. Ele ficou ali um bocado a amaldiçoar o merceeiro, depois voltou para trás e bebeu mais um pouco de água. Tirou do bolso uma barra de chocolate e começou a tasquinhá-la.

Ao fim de escassos minutos um homem saiu da casa de banho e passou por ele, dirigindo-se para o carro.

Ouçá cá, disse ele. O meu amigo vai pràs bandas da cidade?

O homem parou e olhou em volta, remirou-o ali encostado a um bidão de gasolina. Vou, disse. Quer que eu lhe dê uma boleia?

Ora essa, ficava-lhe muit'agradecido, disse ele, avançando ao encontro do homem com passo arrastado. Tenho a minha filha lá no hospital e preciso de ir até lá prà ver esta noite...

O hospital? Onde é que isso fica? perguntou o homem.

Ora essa, aquele em Atlana. O grandalhão que lá há...

Ah, disse o homem. Bem, eu vou só até Austell.

E a que distância fica isso?

Quinze quilómetros.

Bem, não se importa que eu vá até lá consigo, ou importa-se?

Tenho todo o gosto em desenrascá-lo até lá, disse o homem.

* * *

Ao entrar em Atlanta, ele viu, no alto de uma vedação repleta de letreiros, um que dizia KNOXVILLE 317. O nome da cidade para onde se dirigia. Se lhe tivessem perguntado o nome teria indicado qualquer um menos Kenneth Rattner, que era o seu nome verdadeiro.

A leste de Knoxville, no Tennessee, as montanhas despontam, pequenas cristas e espinhaços dos Apalaches pregueados, contorcendo a seu bel-prazer as estradas que abandonam a cidade. A primeira destas cadeias montanhosas é a Red Mountain; do seu cume, num dia sem nuvens, avista-se a linha fresca e azul da crista mais alta da cordilheira, qual promessa distante.

No final do verão, a montanha coze sob o azul impiedoso do céu. A poeira vermelha da estrada do pomar assemelha-se ao pó de um forno de tijolo. Não se consegue reter na concha da mão sequer um punhado. Ventos quentes emergem pela encosta acima, vindos do vale, dir-se-ia um hálito fétido, com laivos de asclépias, de pocilgas, de vegetação apodrecida. Os taludes de argila vermelha junto à estrada têm a encimá-los tufo de madressilva ressequida, ervilhas-de-cheiro secas e envoltas numa bainha de pó. Quando o mês de julho caminha para o fim, os milharais estendem-se, murchos e crestados, os pés de milho tombados de viés, abatidos pela derrota. Todos os verdes empalidecem e secam. A argila estala e fende-se em infindáveis microcataclismos e o calcário jaz espalhado sobre a terra erodida como bandos de golfinhos a apanhar sol, dorsos cinzentos e percorridos por sulcos a assomar em corcovas sob o céu infernal.

Na frescura relativa das matas, videiras-dos-opossuns e muscadíneas vicejam com uma fecundidade cínica, e o solo da floresta — junçado de velhos troncos com o dorso coberto de musgo, povoado de cogumelos estranhos e solenes que crescem entre os fetos e as trepadeiras e se inclinam para exhibir as suas lâminas delicadas, cor de fígado — tem qualquer coisa de primordial, parece um pântano carbonífero repleto de vapores onde sáurios antigos se acoitam num sono fingido.

Na montanha, o calcário forma saliências e trepa em escarpas agrestes por entre as raízes teimosas de noqueiras, carvalhos e tuli-peiras que, mesmo ali, fincam os dedos na terra, lutando contra a declinação precária que lhes calhou em sorte pela queda aleatória de uma semente.

Sob a vertente oeste da montanha situa-se uma comunidade chamada Red Branch. Era um lugar muito diferente em 1913, quando Marion Sylder ali nasceu, ou em 1929, quando ele abandonou a escola para trabalhar fugazmente como aprendiz de carpinteiro para Increase Tipton, patriarca de um clã cuja prosperidade abrangia uma dúzia de choupanas construídas às três pancadas e espalhadas pelo vale em lugares improváveis, agachadas sobre os seus quinteiros sulcados de regos como grandes animais melancólicos, hirtos da prisão de ventre, e todavia dotadas de um ar efêmero e fortuito, como se ali tivessem sido depositadas pelo recuo das águas de uma cheia. Nem mesmo a prontidão com que eram construídas conseguia deixar para trás a decrepitude pela qual nutriam uma tal afinidade. Bolors gangrenosos acometiam os alicerces ainda antes de as ripas dos telhados terem sido devidamente pregadas no seu lugar. A lama trepava-lhes pelos flancos e a tinta tombava em longos farrapos de cor branca. Uma qualquer maleita terrível parecia apoderar-se delas, uma após outra.

As choupanas eram alugadas a famílias de gente famélica, de olhos encovados e pele escura, não exatamente malungos e não exatamente outra coisa, reproduzindo-se com fecundidade tão assustadora que pareciam dedicar toda a sua existência à geração de uma linhagem maltrapilha de rebentos que, descalços e andrajosos, se sentavam horas a fio no rebordo dos alpendres, eles próprios não muito diferentes das vítimas de um terrível desastre, e ficavam a olhar ao longe, para a terra devastada, com expressões em que não havia esperança nem assombro nem desespero. Chegavam e partiam, livres de peias como aves migratórias, e cada família que ali se vinha instalar era uma réplica da anterior, só os nomes nas caixas do correio mudavam, os novos nomes traçados em letras toscas sobre uma camada de besuntadelas de tinta que obliterava os ocupantes anteriores e os remetia de novo para o anonimato de onde tinham emergido fugazmente.

Marion Sylder labutou com o martelo e a serra até ao final de setembro daquele ano, depois despediu-se, tendo aprendido os segredos das terças e dos contrafrechais, e com as poupanças comprou roupas e um par de botas de trinta dólares, que encomendou do Minnesota pelo correio, e desapareceu. Ninguém o viu durante cinco anos. Fosse qual fosse o ofício que abraçou no seu exílio, não usou fato-macaco, não brandiu martelo.